



**ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**ISSN: 1517-7238**

**Vol. 11 nº 20**

**1º Sem. 2010**

**p. 151-165**

**TRAJETOS NA  
MEMÓRIA:  
RELAÇÕES ENTRE O  
VERBAL E O VISUAL  
NO INFOGRÁFICO**

**NUNES, Sílvia Regina<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela UNICAMP. Professora da Educação Superior na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e Lacerda e membro do Grupo de Pesquisa Cartografias da Linguagem. E-mail: silviarnunes@hotmail.com.

**RESUMO:** Analisamos a relação entre a materialidade verbal e a materialidade visual no infográfico impresso com o objetivo de compreender como a forma significativa verbal atualiza determinadas memórias discursivas na relação com a forma significativa visual. O objeto de estudo é um infográfico da revista *Saúde* que tem como título *O vírus que combate vírus*, a análise, sustentada numa posição teórica materialista, põe em funcionamento as noções de memória e materialidade. O efeito de conteúdo reitera o funcionamento do signo linguístico pela literalidade da linguagem na relação palavra-coisa e se instala, também, no visual, produzindo efeitos de fidelidade do real. Quando perguntamos *como a memória discursiva trabalha, no infográfico, a relação entre o verbal e o visual?*, compreendemos que essa relação se constitui na incompletude dessas materialidades e no equívoco de se imaginar que a materialidade verbal pode ser complementada pela visual ou que a imagem pode representar fielmente o real. Compreendemos que a formulação desse infográfico produz efeitos que demandam-atualizam-reafirmam uma fidelidade do verbal numa relação conteudística com o visual. A intrincação do verbal (em forma de recortes explicativos) à imagem (o visual) produz efeitos de sentidos que projetam uma concepção de língua como instrumento, ideal em sua transparência, e que designaria, literalmente, a coisa a que se refere.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem, Discurso, Memória

**ABSTRACT:** The relationship between verbal and visual materiality in printed infographics is provided. The manner the verbal significant updates certain discursive memories may be understood when related to the visual significant is thus investigated. Whereas the object under investigation is an infographic of the magazine *Saúde* titled *The virus that combats viruses*, the analysis, which is based on a materialist theoretical stance, triggers the notions of memory and materiality. Content effect reiterates the functioning of the linguistic sign through the language's literality within the word-thing relationship and it establishes itself within the visual stance while producing faithful effects with the real. When one investigates the manner discursive memory performs the relationship between the verbal and the visual in infographics, one understands that this relationship is established within the context of incompleteness of the above-mentioned types of materiality. It also occurs within the equivocation that verbal materiality may be complemented by the visual or that the image may faithfully represent the real. The formulation of infographics demands-updates-reaffirms a verbal faithfulness with the visual within a content relationship. Verbal interweaving (in explicatory graphics) with images (the visual) produces meaning effects that project language as an instrument, ideal in its transparency, and literally reveals the thing to which it refers.

**KEYWORDS:** Language, Discourse, Memory.

## 1 INTRODUÇÃO

Trabalhamos a relação entre a materialidade verbal e a materialidade visual no infográfico impresso com o objetivo de compreender como a forma significativa verbal atualiza determinadas memórias discursivas na relação com a forma significativa visual (fotos, tabelas, desenhos etc.).

O infográfico, enquanto texto (ORLANDI, 2005), articula discursividades distintas ao ser organizado de maneira diferente em relação a outros textos que são formulados especificamente na materialidade linguística. A textualização do infográfico instaura um imaginário de que a imagem (fotografia, desenho, gráfico, cor...) “complementaria” e “ampliaria” a transmissão de conhecimentos pelo texto jornalístico, visto que em nossa sociedade circulam pré-construídos, tais como: *uma imagem vale (diz) mais do que mil palavras*

A linguagem infográfica, de natureza múltipla, no que se refere à sua forma material, articula sentidos pelas suas muitas possibilidades de significar: no espaço, na grafia, no desenho, na cor etc.; contudo, essa linguagem é afetada pelas condições de produção do discurso jornalístico, que coloca em funcionamento uma concepção de língua transparente e completa, que instauraria sentidos únicos e referenciais. Dessas concepções produzem-se efeitos que reafirmam um ritual de escritura jornalística que tem como determinação histórica a literalidade.

O funcionamento desse diferente material nos coloca alguns questionamentos para compreendê-lo, como, por exemplo: *como a memória trabalha a relação entre o verbal e o visual? Que efeitos de sentidos são produzidos na leitura do infográfico?* Segundo Orlandi (1995), é necessário levar em consideração as diferenças entre a matéria significativa do verbal e a do visual, sem separar formas e conteúdos, para que se chegue à compreensão de como se produzem os sentidos quando da leitura de objetos simbólicos dessa dimensão. Ou seja:

[...] aproximar, no funcionamento das diferentes linguagens, aquilo que constitui uma relação produtiva na semelhança entre elas, e distinguir o que é lugar de particularidade irreduzível e de diferenças constitutivas da especificidade dos distintos processos significantes dessas diferentes linguagens. (ORLANDI, 1995, p. 46)

Nos estudos sobre o silêncio, Orlandi (1995) afirma que há diferença entre a matéria significativa do silêncio e a da linguagem verbal. A referida autora nos alerta para o fato de não existir uma tradução do sentido do silêncio em palavras sem modificá-lo. A essa afirmação Orlandi relaciona o funcionamento da materialidade simbólica do não verbal. Para ela, essa materialidade instaura uma “necessidade” em seu sentido que a faz significar (em relação a ela mesma), tal como a música, a pintura... e, acrescentaríamos: o infográfico, sob o seu perfil caleidoscópico.

Segundo a autora, deve-se restituir a historicidade aos fatos de linguagem e para isso ela propõe a noção de prática discursiva como fundamental para se trabalhar a relação entre essas materialidades. À noção de prática discursiva juntaríamos à de memória discursiva para a compreensão dessas formas de linguagem, ou seja, prática discursiva como posicionamento teórico-político do analista que assume sua posição de acordo com a teoria com a qual trabalha, tomando suas noções como determinantes para a compreensão de seu objeto de estudo, visto que, nessa posição, não se trabalha com objetos empíricos. Memória discursiva é tomada como ponto de sustentação para a análise das diferentes materialidades, pois atualiza o que é história pela remissão aos sentidos constituídos na articulação das diversas-diferentes materialidades.

## 2 TRAJETOS NA MEMÓRIA

Há, pelo menos, três noções de memória apresentadas por Orlandi (2006, p. 05): a discursiva ou interdiscurso, a institucional (arquivo) e a memória metálica. A primeira se constitui pelo esquecimento, de acordo com Pêcheux (1999):

[...] algo fala antes, em outro lugar independentemente, ou seja, é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos. (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

De acordo com Orlandi (2005), quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós entramos neles. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidades na maneira como a língua e a história nos afeta. Mas não somos o início delas. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos. O esquecimento dessa determinação é constitutivo dos sujeitos e dos sentidos. Os sujeitos 'esquecem' o que já foi dito – esse não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem se constituírem em sujeitos (ORLANDI, 2005, p. 31-36). A autora relembra que a memória discursiva é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. Para que as palavras tenham sentido, é preciso que elas façam sentido. E isso é o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o anonimato, possa fazer sentido nas palavras. Assim, esquecer-apagar o que foi dito pode voltar a ter sentido, seja por outra forma de dizer (escrever), seja por outra forma material, por exemplo, uma foto, um gráfico estatístico, ou, ainda, pela relação imagem-palavra: o infográfico.

A memória institucional ou arquivo é aquela que se sustenta numa prática documental, isto é, a que as instituições como a escola, a igreja, o estado, entre outros, dão sustentação, ou seja, o trabalho social (do registro) da interpretação. Em outras palavras: é o lugar em que se separam quem tem e quem não tem direito a esta ou aquela interpretação (por exemplo, relação entre cientistas e literatos), conforme Pêcheux (1994).

A memória metálica, segundo Orlandi (2006), é a que se constitui no/pelo meio eletrônico (computador, TV) e em condições de produção particulares. Para a autora, nessa memória, os textos são formulados noutra materialidade, que é a eletrônica (digital). Segundo Orlandi (2006., p. 05), “sua particularidade é ser horizontal, como distribuição em série, na forma de adição, acúmulo. Quantidade e historicidade”. O acúmulo e a adição são efeitos constitutivos, não só do infográfico digital, como também do infográfico impresso. A reiterada abertura de informações seja em quadros (com tabelas, fotografias, formas geométricas etc.), textos escritos ou links (hipertextos, no caso de infográficos digitais), produz efeito de completude de informações, pela quantidade.

As noções de memória e materialidade já foram propostas por Lagazzi (2007) para analisar a imbricação entre o verbal e o visual, no documentário *Boca de Lixo*, de Eduardo Coutinho. Segundo a autora, “memória porque consideramos que a interpretação não se restringe ao imediatismo do momento de dizer: ela é um recorte no interpretável, atravessado por esquecimentos e silenciamentos”. E é dessa maneira que nos servimos da noção de memória para procedermos à análise do infográfico, memória em movimento, memória na movência da formulação. Sobre a noção de *materialidade*, Lagazzi (2007) observa que é importante que a leitura “se desloque do conteúdo, concebido como ideias abstratas, ideias que se delineariam independentemente dos significantes que constituem a base material para a ancoragem dos sentidos e independentemente das condições determinantes desse processo”.

Não é possível, portanto, proceder a uma leitura literal dos infográficos, pois é no movimento, no ir e vir entre palavras e imagens, ou seja, entre o verbal e o visual, que os sentidos se constituem. O conteúdo é inalcançável, mas, por ilusão, acreditamos alcançar (decifrar), o que é puro efeito ideológico. Efeito que se produz mesmo na contradição entre o que se afirma, porque parece que é (mas é somente imaginário) e o que é, porque se constitui por condições histórico-sociais

determinadas (real, mas que poderia ser de outro jeito).

As duas noções se constituem, nessa medida, em dispositivo teórico-analítico importante para compreendermos as relações que propomos, visto que não podemos, conforme salienta a autora, nos deixarmos tomar por compreensões conteudísticas. Trabalhar com o/no discurso, numa perspectiva materialista, implica em reconhecer que a língua se inscreve na história e é atravessada pelo inconsciente, e não perseguir uma verdade absoluta e original perguntando o que o texto ou o autor “quis-quer dizer”.

### 3 TRAJETOS PARA A COMPREENSÃO DOS EFEITOS DE SENTIDOS

Organizamos o dispositivo analítico numa configuração que abrange três maneiras diferentes, mas constitutivas e relacionáveis, de leitura do material. Dessa forma, analisamos o funcionamento do infográfico *O vírus que combate vírus*, observando: a) os efeitos de sentidos da materialidade verbal; b) a articulação entre a materialidade verbal e a visual e c) os efeitos de sentidos que se constituem pela/na relação entre as duas materialidades. Vamos à leitura da materialidade verbal:

Selecionamos o infográfico da revista *Saúde*<sup>2</sup> publicado em outubro de 2008, da seção Medicina – Avanços, que apresenta como título *O vírus que combate vírus*. A entrada se dá a partir do funcionamento da palavra *vírus*, em **T1**, e dos efeitos instaurados pela formulação que a repete duas vezes no título (conforme indicação das setas em verde).

---

<sup>2</sup> Há vinte e quatro anos em circulação, o enfoque das matérias da revista *Saúde!* é a qualidade de vida. Há várias seções que são integrantes e recorrentes nas edições dessa revista, como: *A palavra-chave é...*, *Sempre quis saber*, *Gôndola*, *Nesta edição*, *Que fim levou* etc. Ela apresenta também um grande número de fotografias, infográficos, tabelas e esquemas.

## T1

## MEDICINA | avanços |

O vírus que  
combate vírus

Batizado de Sputnik, ele foi descoberto por um time de cientistas da Universidade do Mediterrâneo, na França. Os pesquisadores o encontraram parasitando e atormentando outro vírus, só que de grande porte e responsável por infectar microorganismos como amebas (veja o infográfico abaixo). "Agora, pretendemos testá-lo em diversos grupos virais", conta a SAÚDE! Bernard La Scola, um dos investigadores. Mas será que, agindo assim, o Sputnik ajudaria a vencer infecções que assolam o corpo humano? "Ainda é muito cedo para saber se ele terá esse potencial", comenta o infectologista Celso Granato, da Universidade Federal de São Paulo. Até porque não se descarta a hipótese de que esse tipinho também cause estragos às nossas células.

No título, a palavra *vírus* é duas vezes formulada. Faz-se, após, a retomada por *Sputnik* e *ele*; em seguida, a palavra *vírus* é retomada como *o* e *lo*. O encaixe promovido pela relativa que já adianta que se trata de um determinado tipo de vírus que *combate* outro determinado tipo. Compreende-se que não se trata de uma sinonímia que somente substituiria o sentido (literal) de uma pela outra. Trata-se de uma repetição que produz efeitos de especificação ao referir-se a *vírus*, dando visibilidade a efeitos de realidade para o que (qual) seja vírus. Quando *vírus* é designado por *Sputnik*, a especificação produz um retorno dos efeitos referenciais, pois não se trata de qualquer vírus, mas de um vírus que tem a capacidade de se acoplar a outro vírus para *atormentá-lo* e *parasitá-lo*, quer dizer, é um vírus específico que é diferente do primeiro vírus mencionado. Os dêiticos: *ele*, *o* e *lo* também produzem esse efeito, pois se referem a um novo vírus recém descoberto, um vírus diferente dos conhecidos até então: *os pesquisadores o encontraram parasitando... Agora, pretendemos testá-lo em...*

A sequência *outro vírus* retoma, outra vez, *Sputnik*: os pesquisadores o encontraram parasitando e atormentando *outro vírus*. Um dos vírus enunciados no título se apresenta como *outro vírus* que não é o mesmo referido por *Sputnik*. É produzido, dessa forma, um forte imaginário do que seja uma determinada realidade científica. O jogo significante entre *vírus* e *vírus* em *o vírus que combate vírus* constitui na instauração dessa determinada realidade, ou seja, recortando o real e dando-lhe concretude, como se a palavra designasse literalmente a coisa, isto é, fornecendo as evidências de um *mundo semanticamente normal* de acordo com uma ordem (um ritual de escritura) já preestabelecida pelo próprio discurso jornalístico. O discurso biológico, com suas injunções duais e pragmáticas, se materializa nessa relação entre a designação do que sejam os dois vírus. Classificação e dicotomias. Estabilidade e referência.

*Sputnik* ainda é parafraseada por *esse tipinho*. O diminutivo *tipinho* instaura efeitos negativos em relação à ação do vírus recém descoberto. A formulação *tipinho* torna visível um efeito de sentido que coloca em relação uma possível existência de vírus bons e vírus maus. O *Sputnik* seria, dessa maneira, classificado, imaginariamente pela revista, como um vírus ruim. O interdiscurso sobre *tipinho* convoca significações que apontam para esses efeitos negativos, como por exemplo, na relação mãe e filho (a): *você não deve sair com esse tipinho!* (algum colega que a família não aprove), ou no discurso do patrão: *esse tipinho vai me dar trabalho* (em referência a um empregado que não segue as normas da empresa). Essas enunciações perfazem caminhos de sentidos negativos para *tipinho*, e a revista, ao formular dessa maneira e não de outra, produz sentidos que se atualizam nesse interdiscurso.

#### 4 JOGOS DE SENTIDOS ENTRE O VERBAL E O VISUAL

Descrevo, agora, o funcionamento dos enunciados que integram o que designo como **T2**. Esse texto – diferentemente

de T1, que é formulado exclusivamente numa materialidade verbal (linguística) – apresenta a peculiaridade de articular o verbal e o visual, numa textualização particular do infográfico. No entanto, é importante esclarecer que T1 e T2 integram um mesmo texto.

## T2

**BICHO DIFERENTE**  
Entenda como o vírus recém-descoberto atrapalha a vida de seus parentes

1. O **Sputnik** infecta um primo de dimensões maiores, que, por sua vez, já parasita outro microorganismo, a ameba. Para fazer isso, ele mistura seu material genético com o do hospedeiro e, assim, também consegue se multiplicar.
2. O vírus invadido sofre, então, modificações em seu DNA que interferem diretamente em sua atividade e capacidade de se reproduzir. Isso pode torná-lo menos agressivo à ameba infectada e mais vulnerável a agentes externos, como remédios.

Sputnik  
mistura do material genético  
vírus  
ameba  
VÍRUS INFECTADO

18 | SAÚDE e vital | OUTUBRO 2008

Nossa entrada se dá, outra vez, pela palavra *vírus* que é parafraseada por *bicho diferente*, em que a palavra *diferente* predica *bicho*. Na mesma direção do que já afirmamos sobre *tipinho*, trata-se, então, de um *bicho-vírus* diferente dos até então conhecidos. A formulação *bicho diferente* é ainda parafraseada por *vírus recém-descoberto* que se relaciona, por oposição, à sequência *seus parentes*. Os *parentes* são os outros vírus que não apresentam a mesma capacidade desse vírus *diferente*. Novamente, no funcionamento das palavras *vírus* e *vírus*, se instaura o jogo parafrástico que põe em cena formas de um determinado real que tem sustentação no imaginário de ciência positivista que a revista põe em circulação. Um desses vírus (o descoberto recentemente) é um bicho diferente dos

demais, seu potencial ainda é desconhecido por ele ser diferente dos outros vírus que já são conhecidos dos cientistas. Contudo, ele é um vírus, isso é constantemente afirmado. *Sputnik* também retoma *bicho diferente* e *vírus recém-descoberto* instaurando uma rede de significações que colocam, de um lado, o novo vírus - *Sputnik*, e, de outro, o antigo vírus, parafraseado por *parentes*, *primo*, *hospedeiro* e *vírus invadido*.

Na relação entre a formulação escrita e a visual no infográfico, a palavra (ou a coisa-vírus?) *Sputnik* é retomada pela imagem (visualização) de um vírus de cor esverdeada cujo material genético (conforme a representação conhecida sobre o DNA) é de cor rosa. A sequência *outro vírus* é retomada pelo mesmo desenho numa cor mais amarronzada, e a cor de seu material genético é azul. A memória discursiva funciona por meio dessas retomadas da forma significativa visual instaurando um (re)corte no sentido da palavra *vírus*: verde-rosa para *Sputnik*; marrom-azul para *outro vírus*. As cores significam também na retomada das afirmações anteriores. É pela leitura das cores, na materialidade visual, que atualizamos a memória do que seja o novo *vírus Sputnik*, como também o *vírus* já conhecido.

É importante destacar como a relação espacial integra o funcionamento do visual com o verbal, pois essa formulação espacial traça um trajeto de leitura (de cima para baixo e em perspectiva) para a compreensão dos sentidos atualizados pela/na memória discursiva, na designação de *Sputnik*. Se lermos a imagem no sentido de cima para baixo e embaixo indo em direção à esquerda, há uma sequência iniciada pela imagem de um vírus que, pelas cores, é atualizado na memória discursiva como sendo o *Sputnik*. Há também uma flecha que indica o caminho a ser percorrido pelo vírus antigo até chegar ao desenho que designa o *Sputnik*.

Nesse funcionamento visual, a designação de *Sputnik* produz sentidos que atualizam uma memória científica, visto que esse nome faz referência ao primeiro satélite artificial da Terra. O sentido da designação de *Sputnik*, nesse infográfico,

é determinado historicamente por esse acontecimento (primeiro satélite artificial da Terra), uma vez que na imagem compreendemos sua colocação numa posição que atualiza uma memória de que há um satélite numa relação com o *vírus invadido*.

O desenho do *vírus* numa relação de continuidade (reafirmada pela direção da flecha) funciona também na retomada do enunciado *mistura do material genético*. Enquanto na articulação entre as imagens é mostrada a mistura do material genético do *Sputnik* com o do *vírus invadido* (mistura retomada pelas cores rosa e azul), essa mesma imagem ainda articula o funcionamento do verbal com o visual pelo enunciado *mistura do material genético*. Essa forma de *mesclagem* entre os materiais genéticos produz efeitos de realidade sobre como seria essa invasão.

A imagem do vírus de maior proporção atualiza uma memória do que seja uma ameba e apresenta a mistura entre os materiais genéticos do *Sputnik* e do *vírus invadido*, ambos já parasitando essa ameba. A materialidade visual instaura um movimento entre os vírus e a ameba e retoma a finalidade da reportagem, que é fazer compreender como um *vírus combate* outro *vírus*. A formulação do texto instaura trajetos de leitura para que essa compreensão funcione em termos de complementaridade, isto é, o visual complementaria o verbal e o reafirmaria na direção argumentativa do texto.

Contudo, de acordo com Lagazzi (2007), “não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais”.

É nessa afirmação que ancoramos nossa compreensão da relação entre o verbal e o visual neste trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O infográfico é textualizado pela/na composição de

diferentes materialidades, e estas são constitutivas e relacionais. Nessas materialidades, “os elementos significantes não são considerados tendo como parâmetro o signo, mas a cadeia signifiante, o que permite ao analista buscá-los sempre em uma relação de movimento, de estabelecimento de relações” (LAGAZZI, 2007).

O verbal ocupa um espaço maior em relação ao visual, e isso, de acordo com Orlandi (1995), é comum, pois há uma sobredeterminação do não verbal pelo verbal, ou seja, uma centralidade do linguístico produzindo, entre outros, os efeitos de literalidade, objetividade, transparência de sentidos, como o que descrevemos na análise. Segundo a autora, esses efeitos fundam e dão sustentação a alguns mitos, tais como o da linguagem como instrumento de comunicação e transmissão de informações, bem como por alguns “preconceitos teóricos” que sustentam a mistificação da própria ciência e, nela, o prestígio do cientismo positivista (ORLANDI, 1995, p. 36).

A formulação do infográfico produz efeitos que demandam-atualizam-reafirmam uma fidelidade do verbal numa relação conteudística com o visual. A intrincação do verbal (em forma de recortes explicativos) à imagem (o visual) produz efeitos de sentidos que, por sua vez, projetam uma concepção de língua-linguagem como instrumento, ideal em sua transparência, uma língua que designa, literalmente, a coisa a que se refere.

Em **T2**, o visual atualiza os sentidos das palavras *vírus* e *Sputnik* em relação a *vírus infectado*, e a seleção de palavras: *Sputnik*, *mistura do material genético*, *vírus*, *ameba* e *vírus infectado* retomam, também, por (n)estas palavras estarem articuladas (escritas ao lado) (d)às imagens, tanto a materialidade visual quanto a materialidade verbal de **T1** e **T2**.

Esse funcionamento instaura efeitos de repetição. As formulações que se repetem acabam instaurando na cadeia signifiante que imbrica o verbal e o visual, o mesmo, a paráfrase, a quantidade, uma vez que, de acordo com nosso posicionamento, há incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais e a repetição estaria nesse

eterno retorno entre o verbal e o visual, buscando a completude da linguagem e a lógica dos sentidos. Efeito ideológico elementar (PÊCHEUX, 1997).

Fica visível também esse retorno insistente da imagem sobre a coisa, ao observarmos a semelhança entre o desenho do vírus no infográfico e a fotografia de um vírus tirada num microscópio; o efeito de fidelização que se instaura nessa repetição corrobora as discussões que estamos levantando.

O efeito de conteúdo reitera o funcionamento do signo linguístico pela literalidade da linguagem na relação palavra-coisa e se instala, também, no visual, produzindo efeitos de fidelidade do real. Contudo, segundo Gadet e Pêcheux (2004, p. 35) o sujeito se constitui num movimento entre o real da língua, que é o impossível, a incompletude (pois sempre se pode dizer de outro jeito), e o real da história que se constitui na contradição (o sentido pode ser outro).

Essa contradição se configura, na análise que empreendemos, pela relação não só entre o verbal e o visual, mas também entre o visual e o real, pois pode ser (é) um equívoco reiterar que os vírus representados na revista e os de laboratório sejam idênticos entre si. Assim, compreendemos que *a memória discursiva trabalha na relação entre o verbal e o visual, no infográfico*. E essa relação se constitui na incompletude dessas materialidades, no equívoco de se poder imaginar que a materialidade verbal possa ser complementada pela visual e de que a imagem (o visual) possa representar fielmente o real.

## REFERÊNCIAS

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. [Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello]. Campinas: Pontes, 2004.

LAGAZZI, S. Materialidade e Memória. *Cadernos do CEAM* (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares), NECOIM (Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória) da UnB. Brasília, 2007.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. Conversa com Eni Orlandi. In: BARRETO, R. G. *Revista TEIAS*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Efeitos do verbal sobre o não verbal. Campinas, *Revista Rua*, n. 1, p. 35-47, 1995.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. (Org.) *Papel da memória*. [Trad. José Horta Nunes]. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.) *Gestos de Leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. [Trad. Eni P. Orlandi]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SAÚDE! O vírus que combate vírus. *Revista Saúde*. São Paulo: Abril, outubro de 2008, Edição n. 304, p. 318.

Recebido em: 19/03/2010.

Aprovado em: 11/06/2010.